

**UM HOLOCAUSTO NO MONTE SAGRADO:**

**O SACRIFÍCIO FESTIVO NA SERRA DE SÃO JOSÉ DE CAMPO DO BRITO**

Ane Luíse Silva Mecenias Santos<sup>1</sup>

Resumo:

Esta pesquisa pretende mostrar a formação do santuário de São José, que ocorre desde final do século XIX, no município de Campo do Brito, o local constitui um espaço dedicado a romaria de âmbito local. A capela de São José dos Montes é apenas uma Santa Cruz de beira de estrada, erguida para lembrar uma morte trágica, mas que no decorrer do século XX se tornou um centro de romaria. Para compreender essa celebração, articulamos o conceito de sagrado e profano de Mircea Eliade com o conceito de sacrifício de René Girard. A pesquisa foi realizada com base na análise dos depoimentos, como também na observação da festa.

Palavras-chave: romaria, morte, festa.

Abstract:

This research aims to show the formation of the sanctuary of St. Joseph, who is from the late nineteenth century, in the municipality of Campo do Brito, the site is a space dedicated to pilgrimage to the local level. The Chapel of São José dos Montes is only one Santa roadside cross, erected to commemorate a tragic death, but during the twentieth century became a center of pilgrimage. To understand this conclusion, we articulate the concept of sacred and profane Mircea Eliade with the concept of sacrifice of René Girard. The research was based on the analysis of the statements, and in the observation of the party.

141

Keywords: pilgrimage, death, party.

Vila de Campo do Brito no final do século XIX. Uma senhora sai cedo de sua casa para buscar água na fonte, deixando sua filha de três anos dormindo em casa. Ao acordar e não encontrar a mãe, a criança sai a sua procura. Ocorre o desencontro entre mãe e filha. A mãe chega a casa e entra em desespero por não ter encontrado a menina. Toda a população campobritense se mobiliza a procura da criança perdida.

As buscas não obtêm êxito. O dia termina e a menina continuava desaparecida. Ninguém sabia o paradeiro da criança que se ocultava nas matas da vila. O impacto do desaparecimento perturbou de forma profunda os moradores da localidade, que teriam permanecido nas buscas por dia e noite. Mas nada encontravam. O desespero parecia superar a força da esperança.

---

<sup>1</sup> Diretora do Museu Galdino Bicho e da Pinacoteca Jordão de Oliveira. Professora da Universidade Tiradentes e da Rede Pública do Estado de Sergipe. Doutoranda em História na UNISINOS. Mestre em História pela Universidade Federal da Paraíba. Licenciada e bacharel em História pela Universidade Federal de Sergipe. Pesquisadora dos grupos de pesquisa do diretório do CNPq, “Jesuítas nas Américas”, “Culturas, Identidades e Religiosidades” e “Arte, Cultura e Sociedade no Mundo Ibérico” (séculos XVI a XIX).E-mail: anemecenas@yahoo.com.br

## Um Holocausto no Monte Sagrado...

A dor dos familiares foi compartilhada por toda comunidade. O sentimento de solidariedade se estabeleceu na vila do agreste sergipano. É possível que naqueles dias os conflitos internos da povoação tenham ficado em segundo plano em prol do objetivo mútuo: localizar a inocente perdida. Trata-se, portanto, de um caso de drama coletivo, no qual o sentimento de desespero e impotência é compartilhado pela maior parte dos moradores. A angústia privada deixa o âmbito familiar, assumindo a esfera do coletivo, do grande público da localidade.

No terceiro dia após o desaparecimento as buscas já rondavam às imediações da Serra dos Montes. No alto da serra encontraram o corpo da criança, morta pela fome e sede. Apesar do envolvimento dos moradores de Campo do Brito, a menina não foi localizada com vida. Houve dor, desolação e revolta.

No local onde encontraram o corpo da menina foi construída uma capela com um cruzeiro defronte. Na capela foi colocada uma pequena imagem de São José, que passou a ser o orago do templo e um dos focos centrais da religiosidade da microrregião. A partir daquele momento a Serra dos Montes passou a receber um contingente de romeiros cada vez maior, uns repletos de pedidos de bênçãos, outros prontos para louvor o santo pelas graças concedidas.

O relato acima é repetido por muitos moradores da microrregião do Agreste de Itabaiana e reflete o mito de origem do santuário de São José dos Montes. São inúmeras narrativas repetidas incontáveis vezes pelos populares, por “contadores de causos”, anônimos que contribuíram pela perpetuação de uma tradição, ao mesmo passo em que se configuram representações variadas em torno da romaria. É a edificação das memórias, a tumultuada e conflituosa trama mnemônica.

### **1 A simbologia da celebração**

Sobre a origem do referido santuário há uma série de questões que devem ser consideradas relevantes. Um desses elementos é a morte trágica. O fato de morrer fora do âmbito do lar requer uma série de aparatos que poderiam ser dispensados nos casos de morte circunstanciais, sob o olhar protetor da família. Neste caso, foi preciso demarcar o local do fatídico episódio, criando um lugar de memória.

É a prática corrente do catolicismo popular no nordeste sinalizar os locais em que pessoas morreram de forma violenta (acidentes ou assassinatos) com cruzeiros ou pequenas capelas, comumente chamadas de santa cruz de beira de estrada. Também é vigente o hábito dos transeuntes da localidade depositarem uma pedra ao pé da santa

cruz. Todavia, a atenção delegada a santa cruz da Serra dos Montes ganhou uma dimensão desproporcional se comparada às demais. A Serra dos Montes passou a receber um contingente cada vez maior de devotos constituindo no dia de São José uma romaria local.

A exegese da narrativa permite novas considerações. A morte em questão é de uma criança, ou, como é chamada na localidade, de um anjo. Trata-se, portanto da morte prematura de uma inocente, sem a mácula do pecado. Esta constatação torna, sob a perspectiva imaginativa, o nível de sacralidade da capela mais acentuada. A morte de um “anjo” pode ter aberto um canal de comunicação entre o mundo ordinário, caótico e profano e o seu oposto, o mundo extraordinário, caótico e sagrado. Para o *homo* religioso do agreste sergipano a Serra dos Montes se tornou a chave do universo, o umbigo do mundo, o santuário marcado pela sacralidade (ELIADE, 2001). Porém, a tragédia ainda nos revela outras facetas.

Uma dessas facetas é a constante presença do número três. A criança supostamente teria três anos e foi encontrada no terceiro dia. Podemos assim focalizar uma aproximação com a narrativa bíblica, no que se refere a ressurreição de Cristo no terceiro dia após a morte e ainda, no universo simbólico popular o três representa a Santíssima Trindade. O referencial ao número três é mais um elemento sacralizador.

Outro elemento que não deve ser negligenciado é a localização do santuário. A capela foi edificada no ponto mais elevado da Serra dos Montes, impondo-se na paisagem local. É importante frisarmos a relação existente entre o sagrado e as elevações. Preferencialmente, o sagrado se manifesta no alto, fazendo com que o santuário funcione como portal interligando as duas realidades. A elevação da Serra dos Montes torna a jornada dos romeiros em busca do santuário em penitência purificadora. Ao caminhar pelas estradas estreitas e enladeiradas da serra, os devotos de São José purgam seus pecados do universo ordinário pelo sacrifício para contemplarem as bênçãos do santuário.

O relato apresentado é a versão mais repetida a respeito da origem do santuário. Contudo, existem variações da trágica narrativa. Depoimentos como o de Benigna da Silva Santana enfatiza que a capela foi construída no local em que uma adolescente foi estuprada e assassinada. Neste sentido, haveria uma contradição com os demais enxertos discursivos que ressaltavam a desatenção da mãe e a curiosidade da criança. Percebe-se então, um jogo de memórias, na qual são constituídas diferentes versões do episódio fatídico do final do século XIX na vila de Campo do Brito.

## Um Holocausto no Monte Sagrado...

Esta segunda versão sobre a origem da Festa dos Montes também sugere instigantes revelações do plano simbólico. O relato enfoca dois elementos que não devem ser menosprezados: o abuso sexual e a morte. Os depoimentos sugerem a possível virgindade da adolescente abusada, ou seja, é a narrativa de “*uma moça que foi tirada no alto da serra*” (SANTANA, 2007). Neste caso o segundo elemento da narrativa ganha uma nova dimensão. A morte teria servido para purificar a jovem mácula indesejada. A morte em defesa da honra teria tornado a anônima adolescente uma mártir.

Mesmo não havendo consenso na memória coletiva da localidade sobre o episódio acontecido na Serra dos Montes, é muito provável que o santuário de São José tenha se constituído a partir da morte ocorrida no final do século XIX. É plausível afirmar também que os mistérios e polêmicas que rodeiam a morte tenham contribuído para a legitimação da romaria, consolidando a tradicional Festa dos Montes no agreste sergipano.

### **2 Entrando na Festa**

Nas primeiras semanas de março os moradores de municípios circunvizinhos de Campo do Brito como Itabaiana, São Domingos e Macambira começam a se preparar para a Festa dos Montes. Subir a serra no dia 19 de março é mais do que um dever, é um dos momentos mais alegres do ano. Para muitos dos romeiros que seguem para os Montes, a festa de São José é o principal evento do ano, superando até as festividades alusivas aos padroeiros dos municípios. Por esse motivo, talvez, a Festa dos Montes seja muitas vezes chamada de “festona”.

Dias antes da festa têm início os preparativos. É preciso acertar o transporte, preparar os mantimentos, reservar o dinheiro. Para os promesseiros os atributos são ainda maiores: comprar velas, encomendar fogos, convidar companheiras para as orações. A organização antecipada dos romeiros demonstra a relevância atribuída ao evento.

Até a década de 1980 era comum que os romeiros se deslocarem para a serra a pé ou a cavalo. A partir desta década, o tráfego de animais passou gradativamente a ceder espaço para as motocicletas, ônibus e caminhões. Para os romeiros que mantêm a tradição de subir a serra a cavalo, a véspera da festa é um dia especial. Os afazeres perpassam por todo o dia, seja limpando os arreios, seja alimentando e dando descanso aos animais, afinal de contas, a jornada do dia seguinte não é fácil. O ritmo das ações ao

longo do dia, demonstrando que o tempo já não é o mesmo. A sacralidade da festa faz com que cause uma ruptura temporal, passando do cotidiano ordinário para o mítico extraordinário (ELIADE, 2001).

A manifestação do sagrado ocorre por completo no dia 19 de março. Antes mesmo do raiar do sol os romeiros se dirigem à Serra dos Montes. É uma caminhada árdua e demorada. Subir a serrinha, no escuro, sobre os tropeços nos pedregulhos da estrada sem pavimentação torna o percurso ainda mais sacrificado, propício para o pagamento de promessas. É muito comum observar as práticas ex-votivas ao longo da Festa dos Montes, como argumenta Maria Santos Teles:

Ah, eu lembro que tinha muita gente pagando promessa, subindo a ladeira de joelhos ou descalços, até chegar na capelinha onde rezava o dia todo. Me lembro como se fosse hoje daquele povo todo chegando lá em cima. A serrinha ficava cheia de gente de tudo que é canto, Itabaiana, Macambira, Brito, São Domingos, tudo que é lugar. (TELES, 2007).

O depoimento acima infere o lado sagrado da festa. O dia de São José na Serra dos Montes era ocasião de pagar promessas e reavivar os pedidos ao “santo querido”. Em sua festa, São José se torna um santo versátil, capaz de atender às mais diferentes solicitações de seus romeiros pedintes. O depoimento de Otacília Santos também relata a chegada dos devotos à celebração:

Eu era menina quando fui pela primeira vez, a pé com minha mãe e meu pai, subino aquela laderona. Eu me alembro como se fosse hoje, daquele pessoa subino com as muié rezano a ladainha, com o telço na mão. Vinha gente de tudo que era canto. Era coisa de penitência memo, com homis sortando foguetes e as muié rezano e ascendeno vela. O santinho só dava pra ver a cabeça, ele ficava todo cheio de fita que o povo fazia promessa. (SANTOS, 2003)

As solicitações iam do restabelecimento da saúde à melhoria da situação financeira, da conquista da casa própria aos pedidos por chuva. Contudo, nem todos iam pedir, muitos iam para à serra agradecer pelas graças concebidas, pela “poderosa intercessão” de São José. Dessa forma, o meio mais comum dos romeiros demonstrarem sua gratidão ao santo era tornar pública as intervenções do patrono. Era preciso mostrar o milagre realizado, a benção concebida. Assim, emergiam as práticas de desobriga, de concretização do pacto firmado entre devoto/santo. Os promesseiros chamaram a atenção de depoentes como Josefa Santos, que afirmou:

Eu só fui para a Festa dos Montes umas três vezes. Lá não tinha muita coisa, só umas mulheres rezando o terço o dia todo, terminava

## Um Holocausto no Monte Sagrado...

um, começava o outro. Era o terço, ofício, novena, só não tinha missa. O povo que rezava. Fogos eram soltados o dia todo, pagando promessa. O santo ninguém via de tanta fita amarrada. O povo fazia promessa e aí levava uma fita para amarrar no santo ou deixar na igreja. Ah, ainda tinha um monte de vela que o povo acendia dentro da igreja e no cruzeiro. Tinha muita promessa (SANTOS, 2007).

O testemunho acima citado é revelador. A entrevistada primeiro afirma a pouca variedade de celebrações na Serra dos Montes. Esta afirmativa está relacionada com o caráter popular que predominou na festa até meados da década de 1990. Até esse período o evento era controlado quase que totalmente por leigos, que executavam terços, ofícios e novenas. Todavia, na última década o clero do município vem tentando se inserir na festa, com a celebração de uma missa nas primeiras horas do dia 19 de março. Mesmo assim, após a celebração da missa, o padre retira-se dos Montes, permanecendo as festividades sob a tutela dos populares.

A festa dos Montes é uma festa do povo. Mas até que ponto? Sabemos também que o Estado, no âmbito municipal vem se inserindo cada vez mais na principal festividade popular de Campo do Brito. É olhar vigilante do poder público sobre a festa dos segmentos populares. A tutela estatal aparece por meio das “benfeitorias” e proibições. Nos últimos anos o alto da serra foi planejada criando espaços para acampamentos em duas elevações. No sopé da última ladeira foi criada uma área de estacionamento para os veículos de grande porte. Isso demonstra que os administradores municipais vêm descobrindo a Festa dos Montes como um meio de aumentar a arrecadação de renda, ou seja, a romaria vem se tornando uma atração turística.

Apesar das constantes ressignificações presentes nos Montes, a festa continua com a presença dos promesseiros. O sacrifício e o depósito de ex-votos se fazem presentes ao longo de todo o dia, no alto dos Montes. O testemunho da veneração dos fiéis é a pequena imagem de São José, que se encontra sufocada pelo amontoado de fitas devocionais amarradas. Só é possível observar o rosto da imagem. Todo o resto se encontra sob o emaranhado de fitas. São pedidos, preces e agradecimentos. É a fala do povo simples do agreste sergipano.

O silêncio do sofrimento e da pobreza vigente no cotidiano dos devotos é rompido pelas vozes das rezadeiras que puxam as orações e pelo estrondo dos fogos que são soltos na Serra durante todo o dia. Os fogos fazem com que muitos olhares se voltem para o alto da serra, é o sinal do tempo festivo. Quem passa pelos arredores de

Campo do Brito ouve o ruído vindo do alto e descobre a agitação da festa de São José. Essa agitação foi assim descrita por Maria Teles:

È uma festa tradicional, de religião e com muita diversão. Todo mundo ia, os carros subiam cheio de gente, outros iam a pé. Muitos subiam de joelhos, faziam acompanhamento, levavam zabumba. Era uma forma de agradecimento ao Santo. A capela ficava cheia o dia todo, de gente pagando promessas, levando fitas, ex-votos para pagar promessas, o altar ficava cheio de coisas. Era uma festa muito bonita e fui duas vezes quando era mocinha (TELES, 2007).

No depoimento de Maria Teles encontramos uma série de elementos que constituem as práticas do catolicismo rústico ou popular. A farta e variada quantidade de práticas ex-votivas expressam a riqueza de uma manifestação religiosa de âmbito popular como a Festa dos Montes. Com isso, é preciso buscar compreender os círculos de linguagens presentes no interior da festa. Podemos falar de *“múltiplas vozes no interior do catolicismo popular, sendo algumas dessas vozes discordantes”* (TORRES-LONDOÑO, 1996, p.58).

São justamente essas vozes que precisamos ouvir. É o lado profano da festa, que predomina no decorrer do dia 19 de março. Aos arredores da capela circulava a manifestação profana, com comércio de objetos religiosos ou não, churrascos, barracas de piquenique e namoros. Desde a origem da romaria era comum que os romeiros montassem barracas para passar o dia sagrado. Essa faceta dos Montes é assim apresentada por Josefa Santos:

Logo cedo já tinha gente chegando na Serra dos Montes, que iam acampar como se fosse um piquenique. Meu irmão mesmo era um dos primeiros que chegava para montar a barraca. Na festa tinha de tudo, um monte de barraca, fogos, e muitas pessoas passeando de cavalo de um lado para o outro. Eu lembro mesmo que na última vez que fui para a festa, eu tava grávida de sete meses, no ano de 81 e um cavalo quase me matou. Foi terrível. Depois disso nunca mais voltei (SANTOS, 2007).

O depoimento acima é contundente na anunciação do lado profano da romaria. No dia 19 de março, todos os anos a Serra dos Montes é transformada em um espaço do sagrado, mas também do profano, com a feira, piquenique e circulação de animais. A rotina festiva das localidades dos romeiros é deslocada temporariamente para o alto da

## Um Holocausto no Monte Sagrado...

Serra. O sagrado se manifesta e atrai o *homo* religioso, que traz consigo suas crenças, angústias, dramas sociais e também a alegria de poder vivenciar a experiência sacra.

Nesta perspectiva, a Festa dos Montes pode ser vista como uma grande interlocução entre as realidades sacralizadas e profana. É uma zona de intersecção de dois mundos distintos, mas paradoxalmente complementares. No alto dos Montes, o sagrado e o profano dialogam. Sob esta óptica, não devemos estranhar a presença de elementos do universo profano na romaria dos Montes, haja vista que o profano acompanha a jornada do sagrado. Seguindo esta linha de pensamento, esta era uma das poucas ocasiões de fortalecer as relações sociais, logo era uma oportunidade propícia para o início de namoros, levando-se em consideração que o evento reunia pessoas das mais variadas localidades. Os namoros presentes na festa foram assim narrados por Maria Teles:

Na época que fui só tinha água lá embaixo. A gente tinha que ir buscar na fonte, antes da ladeira. Muita gente aproveitava para ir namorar, as pessoas ficavam namorando longe. Assim passava o dia. Era incrível. Sentavam nos locais escondidos para namorar. A juventude ia toda arrumada, com roupa nova para arrumar namoro. Eu lembro que quando fui usei calça comprida, blusa de lista, bota e a primeira prótese. Mas lá sempre comprava mais, tinha muita coisa para vender (TELES, 2007).

A face profana dos Montes é descortinada pelo depoimento elucidativo de Maria Teles. Comércio, namoros e desfiles de roupas novas fazem parte da paisagem festiva de São José. Na configuração do território flexível em torno do santuário, a realidade profana se manifesta em interlocução com o sagrado. A mesma beata que reza dezenas de ave-marias na capelinha é a que consome os produtos recriados pela mídia.

Neste ângulo, pode-se dizer que ambas as realidades estão em contínuo processo de circularidade. Todavia, o relato também enuncia o lado sigiloso das aventuras amorosas. Os namoros proibidos muitas vezes eram iniciados no alto da serra ou nos seus arredores, afinal “de lá de cima da para ver um monte de casais namorando embaixo” (SANTANA, 2007). Descer a ladeira a procura de lugares mais escondidos era um meio de assegurar o namoro distante do olhar vigilante dos romeiros e das ações punitivos dos pais. Era uma aventura.

Contudo, apesar de constatar o rompimento do silêncio do tempo ordinário na ocasião da festa, é preciso lembrar dos novos silêncios, que vêm sendo impostos aos festeiros. As proibições estão cada vez mais constantes na organização da Festa dos

Montes. Entre elas está a proibição da subida de carros e a presença cada vez maior de policiais. Porém, a que causou maior impacto e que gerou mais polêmicas foi a proibição da circulação de cavalos no alto Serra nos dias de festa, antiga tradição dos Montes.

### **Considerações Finais**

A festa dos Montes constitui um instigante evento possível de estudos. Devido ao rico imaginário que o envolve como também às diferentes representações aferidas a mesma, a romaria de São José é uma festa de cunho religioso-cultural propiciadora de múltiplas leituras. Desde a origem do santuário aos dias atuais, o evento discutido é cercado por mistérios, polêmicas e efetiva participação dos segmentos populares. A festa dos Montes é a festa dos pobres, que precisam cada vez mais entrar em contato com a realidade sagrada.

A festa também é uma fuga. Temporariamente o homem simples do campo retira-se de sua esfera social cotidiana em busca do lugar sagrado, para recompor às forças para o retorno inevitável e clamar por auxílio ao santo protetor. No tempo festivo os romeiros rompem espacial e temporariamente com a realidade inócua profana, a fim de adentrar no universo da ordem cósmica sacralizada. Todavia, esses romeiros carregam consigo suas angústias, desconfortos, insatisfações e também, a realidade profana.

Da mesma forma que no tempo ordinário realidade profana é permeada pelo sagrado, no tempo extraordinário o profano acompanha e interage com o sagrado. Assim, não podemos classificar o sagrado e o profano como realidades antagônicas, divididas em esferas distintas, pelo contrário, é impossível distingui-las na empiria. O sagrado e o profano estão interpenetrados, constituindo, portanto, uma zona de intersecção.

Todavia, não podemos ver a Festa dos Montes como algo inerte. A trajetória do evento é carregada por inúmeras ressignificações e representações. O popular reelabora a festa a partir de sua realidade vivenciada. O drama original causada pela impactante tragédia dos Montes foi ressignificada e apropriada pelos personagens anônimos do agreste sergipano. A tragédia foi transformada em festa. É preciso comemorar, lembrar juntos da finitude humana, como também buscar amparar-se diante do sagrado. No alto da serra, o homem comum vive a ilusão de ter fugido de seus percalços cotidianos e pede proteção para o inevitável retorno.

## Um Holocausto no Monte Sagrado...

A festa acaba, as barracas são desmontados, os foguetes silenciam, as velas se apagam e o romeiro desce a ladeira, retornando para a difícil vida dos excluídos. A territorialidade constituída nos Montes se desfaz. O ritmo acelerado da festa é fugaz, e assim o santuário volta para o tempo lento rotineiro. Permanece o silêncio do santuário de São José dos Montes e dos inúmeros anônimos que passaram pela festa. Mas o homem é dinâmico e a necessidade de fuga constante. Ao fechar as cortinas da romaria, nos bastidores cotidianos do lar o homem religioso começa a se preparar para a festa do ano seguinte, fazendo promessas, recebendo graças. Subir aos Montes ainda é preciso.

### Fontes

JESUS, Emilia. Entrevista concedida no dia 07/08/2007. São Domingos.

SANTANA, Benigna Alves da Silva. Entrevista concedida no dia 05/02/2007. Aracaju.

SANTOS, Josefa de J. Entrevista concedida no dia 20/03/2007. Itabaiana.

SANTOS, Otacília. Entrevista concedida no dia 01/08/2003. Campo do Brito.

SILVA, Joana Maria da. Entrevista concedida no dia 23/11/2007. São Domingos

TELES, Maria dos S. Entrevista concedida no dia 18/01/2007. São Domingos.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, Pedro. **Imagem e Peregrinação na Cultura Cristã**: um esboço introdutório. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1986.

ALMEIDA, Gisselma S. J. **Procissão do Madeiro**: devoção e diversão. Nossa Senhora das Dores (1992- 1997). Nossa Senhora da Glória, 2002. Monografia (Licenciatura em História). PQD II, DHI, CECH, UFS.

AMARAL, Antônio Alves do. **Penitentes**: devoção e autoflagelo. **Revista de Aracaju**. Aracaju: Prefeitura Municipal de Aracaju, Ano 60 nº 10. 2003. p. 185-191.

ANDRADE, Maria Cleide Leite. **Epidemia, medo e devoção**: aspectos devocionais no município de Campo do Brito – SE (1910-1915). São Cristóvão, 1999. Monografia (Licenciatura em História). DHI, CECH, UFS.

ANJOS, Maria Francisca Oliveira dos. **Festa do Divino Espírito Santo**: Padroeiro de Indiaroba/SE. São Cristóvão, 2001, Monografia (Licenciatura em História).DHI, CECH, UFS.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa/ Rio de Janeiro: Difel/ Bertrand Brasil, 1989.

BRUSCHINI, Cristina; PINTO, Céli Regime (orgs). **Tempo e Lugares de Gênero**. São Paulo; FCC: Ed. 34, 2001.

BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Média**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DEL PRIORI, Mary. **Festas e Utopias no Brasil Colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DUPRON'T, Alphonse. A religião: antropologia religiosa. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: novas abordagens**. Tradução Theo Santiago. Rio de Janeiro. Francisco Alves. 1996 p.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: essência das religiões**. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FARIAS, Cláudia Maria Lima Trindade. **A Irmandade do Santíssimo Sacramento: expressão religiosa da elite sancristovence 1820-1887**. São Cristóvão, 2004. Monografia (Licenciatura em História). DHI, CECH, UFS.

FEITOZA, Maria Gilma Oliveira Silva. **Romaria: manifestações de fé que ultrapassa limites geográficos e doutrinários em Nossa Senhora da Glória-SE (1970-1990)**. Nossa Senhora da Glória, 2002. Monografia (Licenciatura em História). PQD II, DHI, CECH, UFS.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (orgs). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV,

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Santa Inquisição**. Trad. Maria Betânia Amorosa. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

\_\_\_\_\_. “Sinais: raízes de um paradigma”. In: **Mitos, sinais e emblemas: morfologia e História**. Trad. Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p.143-179.

GIRARD, René. **O bode expiatório**. Trad. Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2004.

\_\_\_\_\_. **A violência e o sagrado**. Trad. Martha Conceição Gambini. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1990.

LE GOFF, Jacques. “Documento Monumento”. In: **História e memória**. Trad. Bernardo Leite. 2 ed. Campinas-SP: Editora UNICAMP, 1996.

LEON, Adriano de. “Santos, feiticeiras e doutores: religião, magia tecnologia no imaginário camponês. In: **Saeculum: Revista de História**, nº 2. João Pessoa: Editora da UFPB, 1996. p.125-121.

## Um Holocausto no Monte Sagrado...

- MAUSS, Marcel. “Ensaio sobre a natureza e a função do sacrifício”. In: **Ensaio de Sociologia**. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- MARAVAL, José Antônio. **A cultura do Barroco**: análise de uma estrutura histórica. Trad. Silvana Garcia. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.
- MELO, José Marques de (Org). **Folkcom. Do ex-voto à indústria dos milagres**: a comunicação dos pagadores de promessas. Teresina: Halley, 2006.
- MOREIRA, Neiva Marinho; WOLFF, Jussara Nair. “Entre águas, galhos e rosários: práticas e experiência das mulheres benzedoras em Xaxim. In: **Cadernos do CEOM**. Ano 14. nº 13. Chapecó: Argos, 2001. p.157-182.
- SANCHIS, Pierre. “Festa e Religião Popular: as romarias de Portugal.” In: **Revista de Cultura**. Petrópolis 1979. Vozes. Vol. 73, ano 73, nº 04. p.10-30.
- SANTOS, Magno F. de Jesus; BARBOSA, Vagner dos Santos. “Entre olhados e quebrantes: análise do ritual das rezadeiras no povoado Cajaíba”. In: **Anais da VII Semana de História**. São Cristóvão: DHI/CECH, 2004. p. 183-187.
- SILVA, Maria Beatriz Nizza da Silva. **Cultura Portuguesa na Terra de Santa Cruz**. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.
- SILVA, Mônica Martins da. **A festa do Divino**: romanização, patrimônio e tradição em Pirinópolis (1890-1988). Goiânia: Cegraf UFG, 2001.
- RODRIGUES, Núbia Bento. **O sofredor sou eu**: antropologia de concepções de saúde, doença e construção pessoal. Salvador: UFBA, 1995.
- TORRES-LONDOÑO, Fernando. “Introdução do sagrado cristão nas crônicas sobre a cristianização do Brasil. In: QUEIROZ, José J. et al. (org). **Interfaces do sagrado**: em véspera do milênio. São Paulo: PUC-SP, 1996. p.57-73.
- VERENA, Alberte. **História Oral**: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro, 1989.